

# O FANTASMA DA LIBERDADE

um filme de Luis Buñuel

com Hélène Perdrière, Adriana Asti, Adolfo Celi, Paul Frankeur, Michel Lonsdale, Pierre Maguelon, François Maistre, Claude Pieplu, Michel Piccoli  
Argumento de Luis Buñuel e Jean-Claude Carrière, baseado numa ideia original de Luis Buñuel

Cópia Digital Restaurada | *Le Fantôme de la liberté* | França, 1974 – 1h42 | M/12

*Em Toledo, cidade ocupada pelas forças napoleónicas, um soldado abraça uma estátua feminina numa igreja. Depois, exige que se abra o caixão. A história é contada por um criado num jardim público, que prefere ler em vez de tomar conta das filhas dos patrões, os Foucault. À noite, o senhor Foucault sofre de insónias, o que o leva a consultar o médico no dia seguinte. A partir daí, a história bifurca-se sucessivamente, num encadeado de sequências surreais e personagens autónomas, que criticam a moralidade e a sociedade. Penúltimo filme de Buñuel, O Fantasma da Liberdade faz – tão admirável quanto subtilmente – uma síntese de toda a carreira deste cineasta ímpar.*

## O FANTASMA DA LIBERDADE, POR LUIS BUÑUEL

Este novo título, já presente numa frase de *A Via Láctea* (“a vossa liberdade não passa de um fantasma”), pretendia ser uma discreta homenagem a Karl Marx, àquele “espectro que percorre a Europa e se chama o comunismo”, no início do *Manifesto*. A liberdade, que na primeira cena do filme é uma liberdade política e social (esta cena é baseada em acontecimento reais, o povo espanhol gritava de facto “Viva os grilhões” a favor do regresso dos Bourbons, por ódio às ideias liberais introduzidas por Napoleão), essa liberdade adquire rapidamente um novo sentido, a liberdade do artista e do criador, tão ilusória quanto a anterior.

O filme, muito ambicioso, difícil de escrever e de realizar, foi algo frustrante. Inevitavelmente, alguns episódios são melhores que outros. Mas não deixa de ser um dos filmes que fiz que prefiro. A sua dinâmica é interessante, gosto da cena de amor no quarto da estalagem entre a tia e o sobrinho, também gosto da busca da rapariga que se perdeu (uma ideia que tinha há muito tempo), a visita dos dois comandantes da polícia ao cemitério, uma longínqua recordação do *Sacramental de San Martín*, e o final no jardim zoológico, aquele olhar insistente da avestruz que parece ter pestanas falsas.

Hoje, quando penso nisto, creio que *A Via Láctea*, *O Charme Discreto da Burguesia* e *O Fantasma da Liberdade*, todos nascidos de um argumento original, forma uma espécie de trilogia, ou melhor, de tríptico, como na Idade Média. Encontram-se nos três filmes os mesmos temas, por vezes até as mesmas frases. Falam da procura da verdade, da qual há que fugir assim que pensamos tê-la encontrado, do implacável ritual social. Falam da indispensável busca, do acaso, da moral pessoal, do mistério que há que respeitar.

A título de pormenor, indico que os quatro espanhóis que fuzilam os franceses no princípio do filme são José Luis Barros (o mais alto), Serge Silberman (com uma faixa sobre a testa), José Bergamín em pessoa, de padre, e eu próprio, escondido debaixo da barba e da sotaina de um frade.

Luis Buñuel, *O Meu Último Suspiro*, Ed. Fenda, Lisboa, 2006



## O FANTASMA DA LIBERDADE, POR ALAIN BERGALA

No terceiro volume deste tríptico, *O Fantasma da Liberdade*, os dois cúmplices Buñuel e Carrière vão ainda mais longe na exoneração das supostas regras de escrita de um filme, e arriscam um argumento que faz lembrar a técnica do “cadáver esquisito” dos surrealistas. Tudo se passa como se cada nova sequência partisse de um personagem cruzado no fim da anterior, ignorando o que o precedeu no filme. A um nível emocional mais profundo, obviamente não é nada disso: uma composição mais musical, subterrânea, secreta, substitui-se à continuidade dramática e ao regresso dos mesmos personagens do argumento clássico. Algumas cenas assumem um relevo particular, onde sentimos menos “cerebralidade” e um investimento emocional mais intenso de Buñuel. A cena do jovem rapaz que fugiu com a tia, que se exhibe nua e acaba por se lhe entregar no albergue no campo. Ou aquela do prefeito da polícia que se lembra de um dia de calor em que a sua irmã, também ela nua no quarto, tocou piano para ele, causando-lhe uma enorme perturbação sexual com a visão das suas coxas afastadas por baixo do piano, que combina com o plano de Francisco sob a mesa de *El*. Ou ainda a cena do homem que dispara ao acaso sobre os peões do cimo da torre de Montparnasse, concretizando o gesto surrealista de sair à rua e disparar ao acaso sobre a multidão.

Alain Bergala, *Luis Buñuel*, Ed. Cahiers du Cinéma, Collection Grands Cinéastes, Paris, 2007  
[Trad. Rebeca Csalog]



### Jean-Claude Carrière entrevistado por Benoît Gautier, *L'Express*, 13 de Julho 2011 [excerto]

*O Fantasma da Liberdade é composto como um cadáver esquisito...*

Jean-Claude Carrière — Este filme coloca mesmo em questão a própria noção de história. A dificuldade era conseguir escrever uma sucessão de intrigas interrompidas antes da sua conclusão — dito de outra forma, uma série de decepções — mas sem que esse tratamento fosse alguma vez entediante. Buñuel era muito púdico e não falava muito sobre a sua obra, mas eu sei que ele adorava particularmente duas ou três cenas do *Fantasma da Liberdade*. Sobretudo a sequência da menina perdida e reencontrada...

[Trad. Rebeca Csalog]